

## POLEMIZANDO ...

Maria Antonia da Costa Lobo  
(ABRAFIL)

Fernanda Marconi  
Célia Marla P. de Barros.

*O gramático faz o registro dos usos da Língua Padrão*

(Evanildo Cavalcante Bechara)

O presente artigo tem por finalidade um breve enfoque centrado em algumas das reflexões exteriorizadas pelo Prof. Evanildo Cavalcante Bechara, relativamente à Língua Portuguesa.

A propósito da importância da gramaticalização, consoante o referido professor, “Se você não gramaticaliza uma língua, se não a coloca em sistema, não há como saber qual é a sua dificuldade.”

Cabe ressaltar que a gramática normativa não abrange o uso pleno de um idioma.

Segundo Houaiss<sup>91</sup>, *a gramática normativa é um conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada.*

Afinal, parte-se da teoria, para se chegar à prática, ou seja, da regra para o exemplo, ou, ao contrário, do exemplo para a regra? E quando se trata das ocorrências lingüísticas não gramaticalizadas?

Na prática, descobre-se, gradativamente, o seguinte: é possível se auto-ordenar, contrariando a norma gramatical, a respeito do emprego do Imperativo, em relação à primeira pessoa do singular.

Em um Termo de Conciliação<sup>92</sup> foi constatada a seguinte ocorrência lingüística:

*“VIII - Cumprido, oficie-se, dê-se baixa e arquite-se, descumprido proceda-se, de imediato, o bloqueio “on line” sobre os ativos do devedor”.*

De fato, a juíza, ao ditar para a analista jud., empregou um **imperativo** (proceda) seguido de um **pronome** (se).

Ao se questionar a quem caberia o cumprimento da ordem, constatou-se que esta seria cumprida por ela própria, juíza. Eis que, na prática, a auto-ordenação existe, oculta por um índice (simulado) da indeterminação do sujeito. E mais: **de imediato** transformou-se em um *a posteriori*, pois nada foi cumprido até a presente data<sup>93</sup>.

91 In Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (p.1474)

92 Audiência transcorrida em 07 de abril de 2008, no T.R.T.

93 2 de maio de 2008.

Se é grave ditar regras contraditórias às oficiais, como é o caso da ortografia, mais grave ainda é falar-se de “erros ortográficos”.

Em verdade, estes não existem. Ou se tem ortografia (grafia correta) ou não.

A presença de um trema (marca gráfica) constitui, por exemplo, um elemento facilitador, no que concerne à leitura e até ao entendimento de um “capítulo” estudado em aulas de língua portuguesa intitulado dígrafos.

Mas não basta apenas sistematizar e/ou gramaticalizar. É necessário ainda abordar dificuldades, em especial as semânticas - a **ambigüidade** constitui, no caso, um bom exemplo.

Em uma afirmação do gênero “a matança dos índios foi terrível”, gramaticalização e sistematização estão aí presentes. Não basta interpretar - é preciso considerar a carga semântica no que concerne à “matança”. Logo, é preciso esclarecer quem sofreu a matança ou quem a praticou.

Afirmar que:

*Hoje é raro um leitor competente em Língua Portuguesa, pois a maioria está voltada a disciplinas como Análise do Discurso, Lingüística Textual, Pragmática... é polemizar.*

A partir de qualquer construção, na qual são usadas palavras empregadas ordenadamente (do ponto de vista sintático), o entendimento da mensagem, seja escrita, seja falada, passa por relações sintáticas, semânticas e pragmáticas.

*A priori*, parte-se para uma contextualização (área da Pragmática), a qual deverá permitir analisar o discurso contido na supracitada construção<sup>94</sup>.

De que modo analisar, discurso(s), sem se reportar a posto(s), suposto(s), pressuposto(s) implícito(s), inferência(s), abordando lógica? E as chamadas “entre linhas”? E a leitura paradigmática?

Independentemente do tipo de leitura (verbal e/ou não-verbal), leitor competente é aquele conscientizado de uma segmentação, a qual deve estar presente no instante de realização dessa leitura.

Por exemplo, em uma placa de trânsito onde está registrado o seguinte: “*Via com alto índice de acidentes*”, embora seja constatada a presença de seis palavras, para o entendimento da mensagem nela contida, é indispensável uma leitura segmentada.

Em “linguagem telegráfica”, duas palavras (**com / de**) poderiam estar *implícitas*. Haveria entendimento. A Análise do discurso permitirá mais: o emprego da palavra *alto* acarreta semanticamente uma acentuação referente à outra palavra (*índice*).

<sup>94</sup> Livros didáticos aplicáveis ao segundo segmento do Ensino Fundamental apresentam capítulo referente a Discurso(s) direto(s) e indireto(s).

O Prof. Bechara também não se furtou a aludir ao uso de estrangeirismo por falantes da Língua Portuguesa:

Esse movimento de substituir um estrangeirismo por termo vernáculo, como num tabuleiro de Xadrez, é perigoso. Em vez de melhorar a língua você pode empobrecê-la.

Nelly Carvalho bem ressaltara a propósito do uso de estrangeirismos:

Há fontes tradicionais de neologismos, como a nomenclatura técnica, a mudança política e social, a criação artística, o estrangeirismo, a gíria, a derivação e a composição.

No que diz respeito a essa questão, embora o Latim seja considerado a Língua *Mater* relativamente à Língua Portuguesa, sabe-se que esta é híbrida.

Eivada de latinismos, mesclados ao grego, ao árabe, ao galego, ao espanhol, a estes se mesclaram ainda, tupinismos, africanismos, galicismos, germanismos e até anglicismos. Razões sócio-econômico-históricas não faltam a essas justificativas - contatos culturais bem as refletem.

Atualmente, hábitos alimentares, após sofrerem modificações, são também responsáveis pela presença de estrangeirismos na Língua Portuguesa do Brasil.

Estrangeirismos estão tão arraigados ao uso lingüístico que, ao se tentar comprar, por exemplo, em **lucivelo**, ao invés de um **abatjour** (> abajur), ou, então, assistir ao **ludopédio**, em substituição ao futebol, a “confusão” poderia ser total.

Assim, usar *coffee break*, ao invés de intervalo é bem mais limitador. Em um congresso, o uso de “intervalo” pode indicar pausa para múltiplas “tarefas”, diferentemente de *coffee break* (pausa para café).

O fato é que as palavras carregam uma carga semântica muitas vezes específica.

Contudo, evitar o estrangeirismo desnecessário por ter sucedâneo à altura, embora óbvio, do ponto de vista filológico, requer, sim, uma pesquisa ampla, tanto fonética, quanto gráfica e, em especial, semanticamente<sup>95</sup>. Nós temos tendência de valorizar o estrangeiro e prejudicar o nacional, ou, pelo menos, menosprezar o nacional.

O emprego de “blog” na Internet bem reflete a tendência ressaltada pelo Prof. Evanildo Bechara.

Se a língua é o que os falantes fazem dela, o que dizer da infração à norma gramatical? E dos cacófatos que apenas o são, no instante da oralidade, até mesmo pela conceituação de cacofonia?

A Língua tem uma dimensão psicossocial. Tem ela potencialidades em consequência do dinamismo que lhe é peculiar.

95 *Wörter und Sachen* aí estão para auxiliar essa pesquisa.

“*A questão é como levar as noções gramaticais ao aluno*”. Além dessas noções básicas, é importante e fundamental fazê-lo ter consciência da capacidade de se expressar **adequadamente**. Essa capacidade se inicia pelo conhecimento de múltiplas linguagens que lhe permitirão recorrer a uma seleção lexical adequada à situação comunicacional.

E mais: *Defender uma unidade dentro do uso vai garantir que a lição do passado chegue até o futuro.*

Para a lição do passado chegar até o futuro, depende a mesma de várias estratégias e de múltiplos recursos. Dentre estes estão a Sincronia e a Diacronia, passando por uma ciência chamada **FILOLOGIA**. Esta ciência dispõe de pelo menos oito métodos de pesquisa, podendo contribuir para que passado, presente e futuro se integrem. A busca às origens, a fixação de época, a transmissão de textos e a fidedignidade constituem a mola-mestra das pesquisas filológicas, embora, no Brasil, a condição de Filólogo seja privilégio de poucos.

### **Conclusão**

No afã de ser Engenheiro, se o Prof. Evanildo Cavalcante Bechara não o fez cientificamente, através de uma diplomação, usou da engenharia, contribuindo para uma construção lingüística, a começar por uma sistematização, jamais deixando escapar a gramaticalização - *Lições de Português pela análise sintática* são bem reveladoras a esse respeito.

Em cerca de 60 anos de exercício do Magistério, o fato é que o Professor Bechara teve e tem seguidores das próprias teorias por ele apregoadas, apesar de inúmeras polêmicas.

A Língua (IDIOMA) jamais foi estática. Estudos morfológicos permitem comprovar esta afirmação: prefixos, radicais, bases e sufixos estão à disposição daqueles desejosos de seguir a trilha traçada por outro escritor, Guimarães Rosa, um inovador da Linguagem

Se sufixos permitem mudar a classe gramatical à qual uma palavra pertence, prefixos permitem mais - alterar carga semântica de palavras às quais são acrescentados.